

“UMA CONVERSA DE HOMEM PRA HOMEM, ELE DISSE”: PERFORMANCES DE MASCULINIDADES EM NARRATIVAS CARIOCAS FICCIONAIS

"A MAN-TO-MAN TALK, HE SAID,": PERFORMANCES OF MASCULINITIES IN
FICTIONAL NARRATIVES FROM RIO DE JANEIRO, BRAZIL

Alexandre José Cadilhe¹

RESUMO: Neste ensaio, proponho construir uma reflexão sobre como dois contos da obra *O Sol na Cabeça*, do escritor carioca contemporâneo Giovani Martins, produzem sentidos sobre uma configuração de práticas que produzem tensões em marcadores de masculinidades. São evocados nos contos temas como virilidade, violência, amizade e paternidade. Foram selecionados os contos “Rolézim” e “Roleta-russa”, cujas narrativas trazem à cena conversas de “homem para homem” e engendram as práticas colocadas sob escrutínio neste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades; Narrativas; Contos brasileiros, Geovani Martins.

ABSTRACT: In this essay, I propose to construct a reflection on how two stories from the book *O Sol na Cabeça*, by Giovani Martins, produce meanings about a configuration of practices that produce tensions in markers of masculinities. Themes such as virility, violence, friendship and fatherhood are evoked in tales. The short stories “Rolézim” and “Roleta-russa” were selected, whose narratives bring “man-to-man” conversations to the scene and engender the practices placed under scrutiny in this work.

KEYWORDS: Masculinities; Narratives; Brazilian tales, Geovani Martins.

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense – Brasil. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Professor Adjunto do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora – Brasil. E-mail: alexandre.cadilhe@ufff.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Por certo os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos. O processo, contudo, não é feito ao acaso ou ao sabor de sua vontade. Embora participantes ativos dessa construção, os sujeitos não a exercitam livres de constrangimentos. Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões.

Guacira Lopes Louro (2008, p.17)

A epígrafe que abre este ensaio situa-se numa clássica reflexão proposta pela pesquisadora Guacira Lopes Louro, mobilizada na obra *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer* e articulada a uma metáfora da aprendizagem como uma viagem, sobretudo no âmbito de gênero e sexualidade: aprender a ser homens e mulheres abarca trajetórias, experiências e jornadas que nunca se dão de forma solitária. Neste contexto, cabe assinalar que, quando alguém nasce, a definição imposta de “é um menino”, “é uma menina” dá início a uma série de práticas que vão compor a sociabilidade destes sujeitos, numa sempre relação de poderes e forças hegemônicas que constroem diferentes modos de viver a partir de uma matriz heteronormativa (BUTLER, 2013; CAMERON, 2010).

Tal heteronormatividade, compreendida como “a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” (MISKOLCI, 2013, p.15) é marcada pela composição binária masculino *versus* feminino, cada qual compondo diferentes configurações de práticas culturais. Contudo, longe de ser reduzida a esse binômio, a categoria de gênero, “como desempenho reiterativo, tem acesso a uma variedade de scripts, nem todos inteligíveis à cultura em geral e alguns possivelmente em conflito com outros” (CAMERON, 2013, p.124). Deste modo,

gênero pode ser compreendido menos como uma substância, uma identidade fixa e imutável, e mais como uma performance, sustentado a partir de reiteraões situadas culturalmente:

[...] gênero é algo que precisa ser constantemente reafirmado e publicamente exibido pelo desempenho repetido de ações específicas ajustadas a normas culturais (elas próprias histórica e socialmente construídas e, conseqüentemente, variáveis) que definem “masculinidade” e “feminilidade” (CAMERON, 2013, p.132).

Uma pequena narrativa pode ilustrar essa episteme²: final dos anos oitenta, eu iniciava o ensino primário numa escola pública da cidade do Rio de Janeiro. Era a minha primeira escola e, portanto, primeiro espaço de socialização fora do contexto familiar. Durante o recreio as crianças dividiam-se em dois grupos. Uma parte sentava nos jardins do pátio, onde abriam suas merendeiras com sucos e biscoitos de maisena, e negociavam trocas de lanches dos/as colegas. Outra parte seguia para um lado do pátio cercado por um muro de chapisco e um piso de cimento. Objetos ou pedaços de madeira marcavam um gol e ali crianças jogavam futebol, prática que se estendia por quase todo o recreio. Dado o sinal de finalização deste intervalo, formava-se uma fila no bebedouro e as crianças que jogavam bola retornavam suadas e ofegantes para uma aula expositiva, que poderia ser de Português, de Estudos Sociais ou de outro componente curricular.

² Por episteme Foucault se refere a um aglomerado de relações que permite o estabelecimento de relações entre tipos de discursos e práticas que se articulam a determinada época histórica. Não se trata de um sistema homogêneo ou fechado sobre si. Vale reiterar as palavras do próprio Foucault, em um fragmento do texto intitulado *Réponse à une question*, publicado no periódico *Esprit*, n. 371 em maio de 1968, para quem a episteme “não é a soma de seus conhecimentos ou o estilo geral de suas pesquisas, mas o desvio, as distâncias, as oposições, as diferenças, as relações de seus múltiplos discursos científicos: a episteme não é uma espécie de grande teoria subjacente, é um espaço de dispersão, é um campo aberto [...] não é a cobertura de história comum a todas as ciências; é um jogo simultâneo de remanências específicas” (FOUCAULT, 1972, p. 60).

Não é surpresa contextualizar que as crianças que se dirigiam para o espaço com muro chapiscado eram todos meninos e as demais, no jardim, eram majoritariamente meninas. Digo majoritariamente porque eu, homem, branco, cisgênero, compunha um pequeno grupo de meninos (arriscaria afirmar que erámos eu e mais um menino somente) que nos juntávamos às meninas, felizes com nossas merendeiras. Tinha verdadeiro pavor de chegar perto do tal espaço do futebol, que era marcado pelos chutes fortes, rolamentos no chão de cimento ou esbarrões no muro, o que tornava não raras as vezes em que os praticantes de tal atividade retornassem para a sala de aula com um suor manchado de vermelho na camisa branca de seu uniforme.

Eu devia ter seis, sete anos de idade e naquele momento já era constrangido a responder: “por que você não vai para o outro lado do pátio?” ou “por que não vai jogar bola?”, ou ainda “por que não larga as meninas no pátio?”. As perguntas vinham da professora, das e dos colegas de turma, da própria família. Nunca fora obrigado a jogar bola, mas pagava um valor simbólico pela escolha de não sustentar uma performance atlética ou violenta que era esperada por ser um “menino”.

Evoco essa experiência por ela permitir exemplificar o papel desempenhado pela socialização na produção de identidades, seja focando a instituição escolar, seja colocando sob escrutínio as performances nas interações, nas falas, nas conversas que compunham minhas relações com colegas da idade e com pessoas adultas, familiares ou profissionais, como as professoras. Todos, ao seu modo, exerciam uma pedagogia de gênero, ensinando o que se tornou histórica e culturalmente “válido” em relação a ser menino naquela situação social na qual estava inserido.

Assim, não foi por acaso que fui “tomado de assalto” quando li a obra *O Sol na Cabeça*, do escritor carioca Geovani Martins. Lançado em 2018, trata-se de uma coletânea composta por treze contos articulados por um fio condutor:

todos são protagonizados por garotos, rapazes e homens moradores do subúrbio carioca. São narrativas de infâncias nas quais alguns contos são marcados pelas brincadeiras de rua e uma convivência em arranjos familiares já distantes (tal como a minha experiência) da composição pai-mãe-irmãos; outros são narrativas de uma adolescência ofegante pela adrenalina do cotidiano subversivo das pichações, das ameaças, da vida em risco, do consumo de drogas. Outros, por fim, são marcados por um cotidiano difícil quando se entrecruzam marcadores de masculinidade, classe social e raça numa cidade de extrema desigualdade como é o Rio de Janeiro.

A obra já foi comercializada em oito países e recebeu uma alcunha de “fenômeno de mercado”, “literatura de massas”, “produto efeito de estratégias de marketing” e outras descrições que posicionam críticos literários contra algumas obras cuja primeira tiragem tenha alcançado número de leitores ou de cifras para além de três dígitos, sobretudo de um autor em estreia editorial ainda mais se considerarmos que o autor não tem ensino regular completo, vem do subúrbio carioca e vivia até então de empregos informais. Ainda que me alinhe a uma compreensão da literatura como um sistema social (SCHMIDT, 1982; OLINTO, 2001; CADILHE, 2006), onde a agência de crítica ou de distribuição assume um papel significativo na alcunha do que vale como “literário”, não é por este caminho que aqui proponho uma análise. Como homem, branco, cisgênero, carioca criado na zona norte da capital, a experiência de leitura dos contos do Geovani Martins me conduziram a momentos outros da infância e de uma pedagogia de masculinidades investida por um currículo oculto³ de práticas, discursos, saberes, que me constrangeram a pensar que a

³ A noção de currículo oculto originou-se no âmbito dos estudos educacionais acerca do currículo para evidenciar que não há apenas conteúdos e neutralidades neste contexto, o que remete a uma pedagogização que se estende para além da escolha dos objetos de ensino e reflete, principalmente, no terreno das práticas para além dele. Embora Silva (2004) assegure crescentemente um crescente desgaste do conceito – efeito de sua trivialização –, Schindhelm e Da Hora (2016, p. 378) consideram que ele ainda seja “bastante pertinente para evidenciar

performance do menino “normal” deve orientar-se para o constante uso da força física e a demonstração enfatizada de algum tipo de bravura, valentia, e até de hostilidade com outros.

Nesse contexto, proponho, com este trabalho, construir uma reflexão sobre como dois contos da obra *O Sol na Cabeça* produzem sentidos sobre uma configuração de práticas que engendram tensões entre uma masculinidade viril, violenta e tóxica – algumas as quais pude vivenciar, ainda que em medidas diferentes, durante minha infância no Rio de Janeiro – e outras, como uma masculinidade sensibilizada pelas relações familiares, especialmente pai-filho. Para isso, divido este trabalho em mais quatro seções.

Na seção dois, apresento algumas considerações acerca da relação entre literatura, masculinidade e vida social, ao indicar como narrativas literárias podem colaborar para uma compreensão sobre “ser homem” na contemporaneidade. Na seção seguinte, apresento uma reflexão sobre o conto *Rolézim*, da referida obra, que narra a história de um jovem morador do subúrbio e sua tentativa de ir à praia em outro ponto da cidade, sem dispor das melhores condições para isso. Já na seção quatro, analiso o conto *Roleta-russa*, composto pela narrativa de um menino criado pelo pai e o fascínio que esta criança demonstra em manusear um revólver. Em seguida, apresento algumas considerações finais.

2. MASCULINIDADES EM PERFORMANCE NA LITERATURA BRASILEIRA

Na seção anterior ao apresentar uma pequena narrativa sobre uma interação entre crianças no contexto escolar e os constrangimentos a que éramos submetidos, como meninos e meninas, tive o propósito de salientar o quanto as ações ali engendradas exerciam uma pedagogia, ensinando como ser

como as questões relacionadas às sexualidades são cotidianamente vivenciadas e experienciadas pelas crianças e educadore(a)s no ambiente escolar”.

um “menino”: gostar de futebol, manifestar força, ser valente, etc. Desse modo, cabe acentuar que tais atributos podem ser alinhados a um tipo de masculinidade. Neste trabalho compreendo que masculinidade

“não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário particular” (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p.250).

Ao pensar relações de gênero em cenários particulares, considero aqui tanto o macropolítico quanto o micropolítico da vida cotidiana: o que conta como masculino relaciona-se a práticas culturais, classes sociais, etnias, instituições, etc. tanto quanto às instâncias nas quais as pessoas interagem e produzem identidades sociais em seus grupos familiares, profissionais, de amigos, etc. Nisso reside uma complexa relação entre representações macrossociais das masculinidades e o modo como aquelas são mobilizadas (e até contestadas) em performances discursivas no contexto microssocial (MILANI, 2015).

Nessa tensa relação macro/micro, produzem-se sentidos sobre o que é ser masculino, sendo algumas propriedades idealizadas, configurando um tipo de masculinidade “hegemônica”, que varia entre culturas, grupos, práticas. Notadamente, nossa cultura tem sido marcada por uma masculinidade que enfatiza a virilidade (BAUBÉROT, 2013) - o macho forte, valente, corajoso, que não teme pela sua vida - daí inclusive a alta incidência de mortes de homens brasileiros causadas por questões extremas, como acidentes e violências. Desse modo, ainda que, numa representação hierárquica, diversas culturas sejam marcadas pelo posicionamento privilegiado de homens, os privilégios são efetivamente acompanhados de desvantagens, gerando uma masculinidade tóxica aos próprios homens (CONNELL, 2016).

Torna-se válido reafirmar, neste contexto, que o caráter múltiplo das masculinidades também é vivenciado de distintas formas por diferentes sujeitos:

[...] classe, raça, diferenças nacionais, regionais e geracionais atravessam a categoria “homem”, distribuindo os ganhos e custos das relações de gênero de maneira muito desigual entre homens. Não é de surpreender que homens reajam de maneiras muito diferentes entre si às políticas de igualdade de gênero (CONNELL, 2016, p.99-100).

A produção social e a representação de múltiplas masculinidades podem ser verificadas em diferentes artefatos culturais (SABAT, 2001) como na literatura, na mídia, no cinema, na moda, na música, etc. Algumas podem reificá-las, outras podem contestá-las e subvertê-las. Nos canais de televisão abertos, não são raras as críticas quando uma telenovela resolve expor uma cena com dois homens se beijando, como uma exibição pública de masculinidades que se afastam de padrões heteronormativos e que parecem ainda não ser legitimados na cultura brasileira, tendo em vista todo o furor que ainda causa atualmente.

Enfatizo aqui esse jogo entre produção e representação, considerando ao mesmo tempo a agência e a legitimação de múltiplas performances de masculinidades em artefatos culturais – especialmente na literatura. Uma densa pesquisa realizada pelo sociólogo brasileiro Richard Miskolci fundamenta de forma significativa a relação entre literatura e masculinidades: em sua obra *O desejo de nação: masculinidades e branquitude no Brasil de fins do XIX*, o pesquisador se propõe a colocar sob escrutínio três romances produzidos entre 1888 e 1900, de modo a construir uma compreensão sobre como diferentes masculinidades eram projetadas, como mecanismo de legitimação de um projeto social e político brasileiro, fundado em relações heteronormativas, em tons moralizantes, higienistas e conservadores.

O primeiro romance apresentado em sua obra é *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicado no formato de folhetins em 1888. O livro narra a história de Sérgio, menino enviado a um colégio interno chamado Ateneu, gerenciado pelo diretor Aristarco. Na análise empreendida por Miskolci,

O Ateneu se insere e retrata a formação de nossa particular ordem sexual em que o desejo que se direcionava para o casamento, a reprodução e constituição de famílias foi naturalizado, estendeu-se à esfera pública e foi tratado como sinônimo de saudável, enquanto desejos outros foram relegados à esfera privada e vistos como degeneração (MISKOLCI, 2012, p.76).

Já o segundo romance analisado quanto a produção de masculinidades foi *Bom Criolo*, obra literária produzida por Adolfo Caminha e publicada em 1895. Trata-se da história de Amaro, escravo foragido aceito como marinheiro em um navio, e sua relação com Aleixo, grumete branco e jovem por quem Amaro se apaixona. Assim, além do fator da sexualidade, a questão racial é também representada:

Bom Criolo expõe como o racismo se intersectava com a (homos)sexualidade no Brasil de fins dos XIX, manifestando-se de forma diversa da Europa e, talvez, até mesmo dos Estados Unidos. No romance, é perceptível uma forma de discriminação racial fortemente vinculada à sexualidade e à classe social” (MISKOLCI, 2012, p.115).

Por fim, o sociólogo brasileiro analisa o romance *Dom Casmurro*, publicada por Machado de Assis em 1900. Trata-se da clássica narrativa sobre o relacionamento de Bentinho e Capitu e a possibilidade de (não) ter havido uma traição da esposa com Escobar, amigo do protagonista. A obra é analisada como uma

[...] progressiva desconstrução desses ideais de casamento e família modelar durante a década de império, em meio aos dilemas moldados pelas relações de poder em uma sociedade marcada pela experiência do escravismo e que ia construindo uma nova gramática das relações sociais, amorosas e sexuais. (MISKOLCI, 2012, p.125).

Assim, ao analisar esses três romances da literatura Brasileira, Miskolci realiza um produtivo exercício reflexivo sobre como a narrativa ficcional produz e ao mesmo tempo representa um projeto de identidade nacional que se propõe a reafirmar ideais de masculinidade e de branquitude, numa manutenção de uma ordem familiar conservadora, muito afeita aos interesses políticos de uma recente república. O caráter inédito da pesquisa empreendida pelo sociólogo funda-se no trato da narrativa literária como um documento que possibilita acionar como diferentes masculinidades, enquanto configuração de práticas, eram mobilizadas para serem contestadas ou reafirmadas.

Nesse entrelaçamento entre masculinidades que se configuram macrossocialmente e são produzidas em performance microssocialmente e o potencial da narrativa literária como instância de agenciamento e reprodução de diferentes formas de “ser homem” no mundo social, proponho um exercício reflexivo de dois contos da obra *O Sol na Cabeça*, de Geovani Martins. Todos os contos da obra apresentam figuras masculinas como protagonistas. A escolha pelos dois contos tem a ver com uma aproximação de um acontecimento que se repete em ambos: quando o protagonista se vê diante de uma conversa “de homem para homem”. É a partir destas cenas que teço algumas reflexões nas próximas seções.

3. MASCULINIDADES DE UMA VIDA EM RISCO: O CONTO “ROLÉZIM”

Eu nunca cherei (sic). Lembro de quando meu irmão chegou do trabalho boladão, me chamou para queimar um com ele nos acessos. Queria ter uma conversa de homem pra homem comigo, senti na hora. A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. (MARTINS, 2018, p.10)

O conto que abre o livro de Geovani Martins é intitulado “Rolézim”. O título por si já evoca uma série de marcadores, tais como de idade, grupo social, região. A gíria “rolê” costuma ser empregado por uma parcela de jovens da região sudeste do Brasil, com o intuito de fazer referência a passeios, festas, bares. Sair para um “rolê”, “dar um rolê”, são expressões típicas de alguns grupos. O acréscimo de um sufixo ao termo, em modo coloquial, dá um tom ainda mais “carioca” à expressão. Um “rolézim”, ou um passeio, é o tópico que passa a ser narrado nesse conto.

A narrativa é produzida em primeira pessoa por um protagonista jovem – seu irmão mais velho tem 22 anos – cujo nome não tem aparição na narrativa. Em um dia de sol e muito calor – situação presente em todos os contos e que inspirou o título do livro, segundo o autor – um jovem morador do subúrbio do Rio de Janeiro se propõe a ir à praia. Para isso, contudo, conta somente com dois reais deixados pela sua mãe para comprar pão (a figura paterna é ausente durante todo o texto). O personagem opta, então, por “forrar o estômago” e ir para a praia: *“calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo é forte”* (MARTINS, 2018, p.11). O conto é um terreno fértil de representações associadas a práticas culturais no que diz respeito, principalmente, à utilização de uma linguagem própria das periferias – ou subúrbios – do Rio de Janeiro, especialmente por grupos mais jovens.

Neste momento, inicia-se a saga do rapaz: encontra-se com seus colegas, entram pela porta de trás do ônibus (o que evoca a prática do “calote” em ônibus na cidade do Rio de Janeiro) e encontram uma série de “desafios” para uma prática cotidiana: pegar sol numa praia urbana. Vivenciam, então, desde olhares hostilizados de homens e mulheres da “zona sul”, com o receio de um assalto, à constante possibilidade de serem parados por um policial para serem revistados. Há, ao longo de todo o conto, um *não-dito* sobre a situação do

homem, jovem, negro, morador de periferia: o racismo, velado ou não, que faz com que homens com este perfil sejam ou revistados em qualquer circunstância, ou tidos como ameaça. Essas situações evidenciam toda uma micropolítica⁴ da injúria racial ainda bastante marcada na cultura brasileira, a qual, ainda que crime, é intensamente praticada e não punida.

O excerto apresentado na epígrafe desta seção abre uma digressão da narrativa do rapaz: entre encontrar os amigos, que consumiam cocaína já pela manhã, antes de ir à praia e a efetiva entrada no ônibus. É a única passagem em que o irmão é citado e com quem há uma “conversa de homem para homem”. Na cultura brasileira, a conversa “de homem para homem” *indexicaliza*⁵ um tema sério ou urgente, entre interlocutores que compartilham de uma mesma identidade social, geralmente marcada por uma masculinidade hegemônica, caracterizada por certa virilidade de quem é capaz de sustentar um diálogo com consequências iminentes.

A referida conversa tem um tema: a morte de um amigo do irmão, causada por overdose. Assim, são três figuras jovens masculinas inseridas em situação de consumo de drogas. O rapaz protagonista faz seu depoimento sobre o tema:

Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado. Nada de pó, nem crack, nem balinha, esses bagulhos. Até loló ele falou que era pra eu

⁴ O uso do termo micropolítica, neste contexto, se situa contrário a um viés de pensamento que vise localizar o poder em espaços específicos e restritos, como no caso do Estado para contrariar uma noção linear de poder. Acredita-se, outrossim, que o poder atravessa os corpos e se articula a uma série de práticas que sugerem dinamicidade. Daí o uso do termo micropolítica que, para não esvaziar a questão em dicotomizações ou bipolarizações hierarquizadoras, considera o mundo das práticas cotidianas e seus contextos heterogêneos e multifacetados. O poder é mais que força e coerção, ele produz subjetividades: “*A questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetividade dominante.*” (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p.133).

⁵ No campo dos estudos aplicados da linguagem, *indexicalidade* é compreendida como uma propriedade do discurso: além do significado referencial, os atos de comunicação produzem significado indexical, entendido como um significado social, resultado de pistas interpretativas entre o que é dito e a ocasião social em que o discurso é produzido (BLOOMAERT, 2005).

não usar, que loló derrete o cérebro. Sem contar os neguim que já rodaram com parada cardíaca porque se derramaram na loló. Naquele dia prometi pra ele e pra mim que nunca que ia cheirar cocaína. Fumar crack muito menos, tá maluco, só derrota. Loló eu até dou uns puxão às vez, no baile, mas me controlo. Hoje eu vejo que o papo era reto, bagulho é ficar só no baseado mermo, até bebida é uma merda. Pra tu ver, no meu aniversário fiquei doidão, vacilando. Por causa de quê? Cachaça! O pior é que eu nem lembro de nada. Tava bebendo lá na treta do Tico e do Teco, jogando ronda, quando vi tava acordando em casa, todo sujo. Noutra dia é que me contaram o caô. Falaram que fiquei mexendo com as mina na rua, até segui uma novinha no beco. Mó papo de vacilação. Se vagabundo me pega numa dessa tomo um coro. Pega a visão (MARTINS, 2018, p.11-12).

Essa narrativa do protagonista ilustra a inserção de drogas e bebidas em instâncias de socialização do jovem rapaz (“tava lá na treta do Tico e do Teco”). Os efeitos desse consumo recaem, ainda, na relação com outras pessoas, sobretudo mulheres (“fiquei mexendo com as mina na rua”). Tais práticas parecem corroborar com algumas referências macrosociais representativas de um tipo de masculinidade. Segundo a socióloga australiana Raewyn Connell,

[...] as práticas corporais frequentemente adotadas por meninos precocemente em busca do status de adultos e do prestígio masculino entre seus colegas são aquelas com efeitos mais tóxicos sobre seus corpos – fumar, dirigir imprudentemente, praticar violência física e o sexo desprotegido (CONNELL, 2016, p.145).

Esses índices de uma masculinidade hegemônica parecem ser produzidos, então, como marcadores que indicam a entrada na vida adulta. Essa entrada é legitimada pelos pares, sobretudo em grupos de homens que reproduzem valores relacionados ao consumo de álcool ou drogas como a comprovação de uma masculinidade desejada, tema este também discutido pelo historiador francês Arnauld Bauberót:

[...] é também em bandos que os jovens vão ao bar, lugar de grande sociabilidade masculina e, conseqüentemente, etapa decisiva para o percurso da iniciação viril. O consumo de álcool e os jogos de azar comprovam a saída da infância, mas eles não bastam para garantir o acesso ao estatuto de homem. O bar tem sua ordem interna, que pode

ser vista na hierarquia de bebidas alcoólicas e nos códigos de comportamento (BAUBERÓT, 2012, p. 197).

Em outros termos, a situação social narrada no conto “Rolézim” produz uma representação social das masculinidades já pontuadas pelos pesquisadores aqui citados: uma socialização entre grupos de jovens que engendra uma pedagogia de virilidade marcada pela vida em risco: a conversa “de homem para homem” surge a partir de uma morte prematura de um terceiro homem. A reflexão gerada pelo narrador, na direção de uma manutenção de um autocuidado, é justificada pelo consumo de cachaça, que o levou a agir de forma a assediar mulheres e colocar seu próprio bem-estar em risco. Um misto de drogas, álcool e violência constitui marcadores tóxicos que constituem tal socialização de meninos, no ensino das masculinidades. Além desses, outro elemento tóxico que caracteriza uma masculinidade hegemônica é a violência e suas formas sutis de legitimação. Esse é o tópico da próxima seção.

4. MASCULINIDADES, PATERNIDADE E ARMAS: O CONTO “ROLETA-RUSSA”

Quando aceitou o emprego de segurança e passou a portar o trinta e oito, Almir resolveu conversar com Paulo. Uma conversa de homem pra homem, ele disse, embora o moleque tivesse acabado de completar dez anos. Contou que precisava do emprego, que a vida seria melhor pros dois, que ganharia mais dinheiro do que no posto de gasolina. Disse que confiava no menino com todo seu coração, por isso não precisou pensar duas vezes antes de aceitar o trabalho e levar o revólver pra casa (MARTINS, 2018, p.25)

O conto “Roleta-russa” é o terceiro da coletânea de Geovani Martins. Nesta narrativa, em terceira pessoa, o narrador conta a história do menino Paulo, com pouco mais de dez anos, e sua relação com o pai, Almir. A narrativa é repleta de cenas da vida cotidiana do menino, especialmente nos seus

encontros com amigos e nas conversas com o pai, que o criava sozinho. Não há referências a mãe de Paulo ao longo da narrativa.

Conforme mencionado anteriormente, compartilha com o conto “Rolézim” a cena de uma conversa “de homem para homem”. A conversa emerge nessa história a partir de uma ocasião específica: Almir precisará manter um revólver em casa, instrumento de seu novo trabalho como segurança. A nova situação desperta uma preocupação, considerando-se os riscos de um possível manuseio pelo menino. Contudo, o pai reitera sua confiança no filho e justifica a seriedade de um porte de arma pela possibilidade de uma “vida melhor”, ao mudar de emprego. A partir desta conversa, dois temas entram em jogo: as estratégias de Almir para persuasão e respeito do filho; o fascínio de Paulo pela arma guardada do pai.

Quanto ao primeiro tema, a relação de paternidade é tangencialmente desenvolvida no conto. Em performances que permitem identificar o pai como zeloso e responsável para com o filho, Almir parece ser, ao mesmo tempo, sensível:

Almir costuma dizer que prefere ganhar o filho pelo respeito, porque não confia em relações orquestradas pelo medo. Repete isso aos quatro ventos quando é interrogado sobre o desafio de criar um filho sem mãe. Na tentativa de não usar a força física com base na educação, joga com o filho. Utiliza, sem nenhum peso na consciência, de ferramentas como a culpa e o remorso para esculpir a personalidade de menino. Por sua vez, Paulo não sabe onde começa nem onde termina o respeito, o medo, a vergonha e admiração que sente pelo pai (MARTINS, 2018, p. 25).

A situação narrada ilustra algumas das mudanças que vêm sendo marcadas no que tange aos marcadores de masculinidades relacionados, por exemplo, à atuação do pai na educação dos filhos. Se a masculinidade dita hegemônica era notada por uma paternidade rígida, severa e distanciada do

cotidiano dos/as filhos/as, contemporaneamente este quadro tende a apresentar algumas mudanças:

A figura do “novo pai”, que se impôs progressivamente desde os anos de 1970, aparece então em toda sua complexidade. De um lado, ela permite ao pai um investimento emocional e afetivo outrora reprimido e exclusivamente delegado à mãe. A “paternidade” permite-lhe, portanto, tecer ligações ao mesmo tempo mais precoces e mais intensas com seus filhos e particularmente com os meninos (BAUBÉROT, 2013, p.210).

Outros exemplos emergem no conto “Roleta-russa” quando Paulo conta não saber o que fazer quando vê o pai em situação de tristeza ou chorando e desaba a chorar junto. No próprio último excerto citado, a cumplicidade do filho com o pai evidencia-se no conjunto de sentimentos que manifesta por ele: *“Paulo não sabe onde começa nem onde termina o respeito, o medo, a vergonha e admiração que sente pelo pai”*. Os efeitos de uma nova relação estabelecida entre pais e filhos se faz presente na discussão sobre masculinidades e virilidade no contexto contemporâneo, ainda segundo Bauberót:

O número crescente dessas situações leva a uma redefinição da função paterna e notadamente a uma disjunção das funções de pai em vários homens. Disso resulta que, para numerosos meninos, a interiorização da identidade masculina e o encaminhamento a um estatuto do homem adulto não são mais guiados pela figura tutelar de um pai encarnando os valores e atitudes da virilidade, mas seguem doravante procedimentos complexos que o obrigam a encontrar seus modelos superando rupturas e contradições (BAUBÉROT, 2013, p.211).

Se, por um lado, a performance paterna rompe com a figura de um pai opressor, ríspido ou violento, possibilitando a produção de outras masculinidades, a performance do filho ainda se alinha a uma reprodução de

práticas e discursos de uma masculinidade hegemônica, considerando seu fascínio pela arma e a possibilidade de implicar-se em atos violentos:

A batalha contra os robôs alienígenas do desenho japonês não prendia sua atenção. Ao longo do episódio, Paulo carregou e descarregou diversas vezes o revólver, fingindo que treinava pra guerra. Quando já não aguentava mais tanta espera, pressionou o bico gelado do ferro contra o próprio peito, depois foi descendo até chegar no umbigo, então imaginou como seria levar um tiro bem ali, e imaginar a bala perfurando sua carne fez com que contraísse todo o estômago. Seguiu descendo com a arma até chegar no pau, começou a fazer movimentos circulares, curtindo a sensação do quente e do frio provocada pelo encontro, mas, quando notou que endurecia o membro, corou de vergonha e tirou com pressa o trinta e oito das calças. Por fim, voltou a carregá-lo, enquanto cantava o tema de encerramento do desenho com a televisão (MARTINS, 2018, p.28).

Neste excerto, a cena ganha destaque por dois possíveis quadros: o da infância, marcada pelo programa que Paulo assistia, ou a música de encerramento do desenho que cantara, e a performance de um adulto, evocada pela relação com a arma, a hipótese da violência, e a excitação sexual que provem disso. Da tensão entre esses quadros emerge o não-lugar da adolescência e os seus desafios, que podem ser assim compreendidos:

Na adolescência, a corporificação da masculinidade toma novas formas e se aproxima de modelos adultos. Mas isso não significa, de forma alguma, um processo padrão que segue um caminho determinado. De fato, as práticas corporais, como o encontro sexual e o esporte organizado, se tornam importantes meios de diferenciação entre meninos e jovens, e espaços de produção de masculinidades hegemônicas e subordinadas (CONNELL, 2016, p.144).

Quando o encontro sexual ou o esporte não constituem práticas mobilizadas, alguns meninos podem, então, acionar outros mecanismos de (re) afirmação de uma masculinidade. Paulo, nas cenas narradas no conto “Roleta-

rusa”, engaja-se em uma série de conversas com outros meninos, sobretudo a respeito de mulheres – as revistas funcionam como dispositivo para isso. Por outro lado, as conversações também giram entorno de narrativas de violência vivenciadas no subúrbio carioca, cenário que legitima o uso de arma como elemento de empoderamento por quem o porta. Essa estratégia é mobilizada pelo Paulo.

Numa das passagens do conto o protagonista descarrega a arma e a leva para brincar de polícia e ladrão com os colegas que, por sua vez, ficam surpresos com o instrumento. Isso engendra uma série que pequenas narrativas sobre ferimento por arma, tipos de revólver, crimes, etc. Na voz do narrador, Paulo reflete:

Só queria que tudo aquilo durasse pra sempre. A admiração dos colegas, a atenção que recebia por tudo que fazia. Como seria bom se conseguisse alcançar isso também na escola, ficou pensando. É difícil não se destacar em nada entre os outros moleques. Paulo não era dos melhores no futebol, nem na grude, nem na pipa. Não era dos mais engraçados nem dos bons de briga. Às vezes sentia que, se sumisse de vez, ninguém na rua ou na escola sentiria sua falta. No entanto, acreditava que no fundo possuía por dentro uma coisa muito especial, única, que por enquanto não era capaz de revelar mas, assim que conseguisse, tudo seria diferente (MARTINS, 2018, p.30).

Assim, a legitimação pelos pares, o recurso da violência e da força potencial representada pela arma, acompanhada de uma aparente frustração por não ter sucesso com esportes e outros, acaba tendo como efeito uma atribuição de valor ao poder de portar uma arma. Não é somente o fascínio de manusear uma arma, e excitar-se com isso, mas o regozijo de ser “admirado” pelos seus colegas.

Em suma, o conto “Roleta-russa” tematiza diferentes masculinidades coexistentes em um mesmo cenário familiar: da atuação efetiva de um pai, cumprindo suas obrigações no cuidado com o filho, ao modo como o

adolescente produz um masculinidade reafirmada pela representação do revólver como dispositivo de valor e reconhecimento pelos pares, ainda que reconhecendo a desaprovação do seu pai para isso. Essa desaprovação teria como efeito uma última conversa “de homem para homem”, conforme apresento abaixo:

Quando entrou na vila, logo percebeu os sapatos do velho na porta, sentiu o cheiro do cigarro de Almir. Estava fodido, tinha certeza. [...] Na mesma hora, Paulo colocou de volta o revólver na gaveta e sentou para esperar o que vinha. Dessa vez, era ele que deixava encher de água os olhos. Cerrou os punhos para expulsar o pranto que vinha, disse para si: “Eu sou um homem”, e decidiu que assim que o pai saísse do banheiro contaria tudo, antes mesmo que ele fizesse as perguntas (MARTINS, 2018, p.31).

O excerto transcrito tem como cena a tensão do Paulo ao esperar o seu pai, Almir, sair do banho. Iria contar que pegara a sua arma para brincar, mesmo após todas as orientações do pai para que isso não ocorresse. Como apontado anteriormente, essa orientação não foi por ameaça, mas pela manifestação de total afeto e cuidado com o filho. Talvez isso deixasse Paulo mais preocupado ainda: a possibilidade de ter desapontado seu pai. Contudo, coloco em foco a tensão que marca esse momento pré-anúncio de uma possível conversa entre filho e pai. Uma tensão cuja emoção precisa ser dominada, sob risco de indicar fraqueza, algo que não seria desejável num modelo de masculinidade idealizado como viril. Uma conversa de homem para homem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste ensaio, ao colocar sob reflexão dois contos da obra *O Sol na Cabeça*, busquei construir uma compreensão sobre como masculinidades são produzidas em performances nas narrativas ficcionais de Giovani Martins.

Parti, para tais reflexões, de uma cena comum: o anúncio de uma conversa de homem para homem.

Como discutido, esse tipo de conversa *indexicaliza* expectativas sobre as identidades sociais dos participantes, a gravidade do tema e um possível efeito a partir do encontro entre os homens. No conto “Rolezim”, a conversa tem como tema o consumo de drogas e o risco de vida. Já o conto “Roleta-russa”, toma-se por tema o cuidado de não manusear um revólver, instrumento de trabalho e que pode ser objeto travestido de um dispositivo de poder perante outros jovens.

Diversos outros temas assumem um papel periférico, porém relevante, ao longo das narrativas: as conversas entre amigos, as práticas culturais de lazer, as discussões sobre mulheres, as reflexões sobre a vida e o futuro. Contudo, defendo que as chamadas “conversas de homem para homem” precisam ser desnaturalizadas: o modo como os temas das conversas encenam tipos de masculinidades é um problema que está posto no mundo social contemporâneo. Drogas, violência, morte, são tópicos que ensejam uma masculinidade tóxica, cujos efeitos recaem tanto nos próprios homens-sujeitos dessas masculinidades, quanto nas pessoas ao seu entorno, sobretudo outras mulheres. Por outro lado, ainda que mais raro, tais conversas também podem originar dispositivos de afeto, de cuidado entre homens, num contexto onde manifestações de carinho ainda são invisibilizados, sob risco de “ferir” uma masculinidade outra, marcada pelo sexismo e pela necessidade de constante reafirmação. Afinal, as motivações das duas conversas apresentadas nas últimas sessões foram as preocupações e cuidados entre irmãos e entre pai e filho.

Finalmente, cabe acentuar que o ato de colocar sob escrutínio as cenas de conversas “de homem para homem”, os temas e as performances aí desempenhadas, pode ser um mecanismo de desconstrução de uma masculinidade hegemônica, aqui compreendida como um modelo idealizado,

tóxico, com efeitos ampliados na vida social, mas, enquanto performance, sempre possível de subversões.

REFERÊNCIAS

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História da Virilidade Volume 3: A virilidade em risco? Século XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BLOMMAERT, Jan. *Discourse: a critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CADILHE, Alexandre José. O Leitor, o Texto Literário e o Professor: uma Pesquisa Empírica sobre o Ensino da Leitura. In ZYNGIER, Sonia; VIANA, Vander; SPALLANZANI, Alessandra (Org.). *Linguagens e Tecnologias: Estudos Empíricos*. Rio de Janeiro: Publit, 2006.

CAMERON, Deborah. Desempenhando identidades de gênero: conversas entre rapazes e construção de masculinidade heterossexual. In OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013. CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. *Tempo Brasileiro*, v. 28, p. 57-81, 1972.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica - Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MILANI, Tommaso. Theorizing language and masculinities. In MILANI, Tommaso (org.). *Language and Masculinities: performances, intersections, dislocations*. New York: Routledge, 2015.

MISKOLCI, Rirchard. *O desejo de nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

MISKOLCI, Rirchard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

OLINTO, Heidrun. Ciência Empírica da Literatura: uma perspectiva pragmática. In ZYNGIER, S. (org.). *Conhecimento e Imaginação: coletânea de trabalhos do 1o ECEL*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade de Letras da UFRJ, 2001

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, v.9, n.1, 2001.

SCHINDHELM, Virginia Georg; DA HORA, Dayse Martins. Existe algo oculto nas tessituras curriculares da educação para a infância? *Educação*, v. n39, n. 3, p. 373-382, set./ dez. 2016.

SCHMIDT, Siegfried. *Foundations for empirical study of literature*. Hamburg: Buske, 1982.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Quem escondeu o currículo oculto? In: _____. *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 77-81.

Recebido em 11/07/2018.

Aceito em 16/09/2018.